

ENTREVISTA COM ARISVALDO DE JESUS – COMUNIDADE DE SÃO JORGE

Entrevistadores: Osvaldo Martins de Oliveira e Fernanda de Castro

Data: 21/01/2009

Osvaldo: Então Arisvaldo está dizendo o seguinte: que aquela casa de farinha que tá ali que só tem os esteios agora era do seu Miúdo, Manoel Valentim, José Valentim que era o sogro dele. Ah não, o Manoel era irmão do seu sogro. Isso. Aí na época da SUDENE aqui, ela foi reformada, que ela já existia, ela foi reformada. Botaram telhas e tal, trocaram as madeiras e tal.

Arisvaldo: Os parapeitos. Fizemos paredes de lajota, deixemos ela bonita. Motor. O que pudemos fazer nela, nós fizemos. Depois que o velho faleceu as pessoas foram embora e acabou.

Osvaldo: Você lembra quanto tempo ela durou depois que vocês fizeram essa reforma?

Arisvaldo: Eu alembro sim, ela durou doze anos.

Osvaldo: Doze anos...tem mais ou menos uns sete que ela acabou?

Arisvaldo: Tem uns sete que ela caiu.

Osvaldo: Então cerca, provavelmente no final dos anos 80 por aí que vocês reformaram ela. Aí o seu Miúdo que era o Manoel Valentim que era o chefe da casa de farinha.

Arisvaldo: Era o chefe. Era o dono da casa de farinha.

Osvaldo: Ele faleceu.

Arisvaldo: Faleceu.

Osvaldo: Com o falecimento dele as pessoas deixaram de fazer farinha?

Arisvaldo: Deixaram de fazer farinha. Foram mudando, mudando, mudando, mudando. Só ficou três aqui aí nós esqueceu...ela caiu e nós deixamos, pode dizer, que ela caiu.

Osvaldo: Nessa época seu sogro era vivo ainda?

Arisvaldo: Meu sogro já era morto. Morreu primeiro.

Osvaldo: Já era morto. Então talvez tenha tido um descuido para a continuidade da casa de farinha.

Arisvaldo: Não teve mais.

Osvaldo: E os filhos do Seu Manoel, seu Miúdo?

Arisvaldo: Os filhos dele mora três aqui, mora um em Linhares e o resto mora aqui em São Mateus, junto com nós aqui.

Osvaldo: Então vocês deixaram fazer farinha mais ou menos em 2002, por aí?

Arisvaldo: Foi em 2002.

Osvaldo: 2002. Aí passaram a fazer carvão?

Arisvaldo: Aí nós larguemos e passemos a fazer calvão. Foi assim no movimento de calvão nós arrecademos um bucado dele, catava. Foi na época a gente tinha doze fornos, foi na época do Jorge da Gema que tava junto com a gente, tava dando assistência. Jorge da Gema de Roda d'Água. Aí entendeu...aí fomos juntando só mais dívida, só mais dívida, amontando dívidas. Fomos obrigados a vender carro, vender carro pra poder pagar dívida. Larguemos. Fomos na Aracruz.

Osvaldo: Ah, vocês fizeram dívidas?

Arisvaldo: Fizemos dívida e grande.

Osvaldo: Depois que acabou a casa de farinha?

Arisvaldo: Aí nós passamos a dever era sete, doze mil reais. Aí começamos a vender carro.

Osvaldo: Vocês já estavam dentro, fazendo carvão.

Arisvaldo: Já estava, já tava fazendo calvão.

Osvaldo: E na época da casa de farinha não tinha dívida?

Arisvaldo: Na época da casa de farinha ninguém devia nada a ninguém. Todo mundo se alimentava da casa de farinha. Fazia farinha, vendia farinha. Só não vendia o beiju, o beiju era pra dar.

Osvaldo: O beiju era pra consumo daqui?

Arisvaldo: Pra consumo e dar pro pessoal.

Osvaldo: Pra dar pro pessoal daqui mesmo?

Arisvaldo: O pessoal daqui, gente de fora. Todo mundo carregava o beiju.

Osvaldo: E aí então na passagem pro carvão foi uma ilusão então?

Arisvaldo: Completamente e uma ilusão daquelas grandes.

Osvaldo: Porque vocês arrumaram dívidas.

Arisvaldo: Primeira coisa que nós entramos foi na dívida. Primeira etapa que nós passamos a perder foi nós trazer três mil reais pra nós e já fiquemos devendo antes de fazer um forno de calvão.

Osvaldo: Antes de fazer o forno já estava devendo

Arisvaldo: Nós fazia duas gaiolas por mês, uma era nossa e outra era dele.

Osvaldo: Do Jorge?

Arisvaldo: Do Jorge.

Osvaldo: Esse Jorge era como era o nome dele? Jorge da Gema?

Arisvaldo: Jorge da Gema.

Osvaldo: E ele mora onde?

Arisvaldo: Ele mora aqui em São Mateus.

Osvaldo: Então ele não morava aqui na roça.

Arisvaldo: Ele morava em Rondônia. Aí de Rondônia ele veio embora pra São Mateus, foi comprou uma fazenda e deu essa orientação pra nós. Nós queria mexer com calvão, se ele entrava. Já entramos mesmo devendo.

Osvaldo: Então ele era o atravessador na verdade?

Arisvaldo: Hoje em dia até o carro que nós tinha, uma combe, se não me engano tá com ele, foi vendido pra pagar dívida.

Osvaldo: E vocês plantavam mandioca aonde aqui?

Arisvaldo: Nós plantava aqui tudo. Aonde você tá vendo aquele campo lá era roça de mandioca, aqui, essa travessia aqui pro lado de lá, tudo aqui era uma roça só. Era quatro alqueires de mandioca.

Osvaldo: Você não tem vontade de voltar a plantar?

Arisvaldo: Vontade eu tenho. Eu até equipo de novo, nós torna a remoer de novo, voltar a casa de farinha, tenho certeza que aqui não vai faltar. O difícil é a terra, mas terra tem pra plantar. Tendo a terra, tendo a casa de farinha, o trator é fácil. Trator cê aluga um aí, em dois ou três dias você tem a terra arada.

Osvaldo: Os homens aqui na fabricação de farinha, os homens faziam o que?

Arisvaldo: Os homens rancava, os homem carregava em costas do burro, batia na casa de farinha, as mulher rapava, nós ia pra roda, entendeu, seis oito homens, depois ia pra prensa. Um bucado ia panhar lenha, entendeu? Pra entregar de dia pras mulheres torrar farinha.

Osvaldo: As mulheres raspavam e torravam?

Arisvaldo: Torrava.

Osvaldo: O beiju quem fazia eram as mulheres?

Arisvaldo: Eram as mulher. Nós só fazia tirar coco, tirar coco de indaiá.

Osvaldo: Ah...vocês iam buscar os cocos?

Arisvaldo: Nós ia buscar o coco indaiá, quebrava ele, elas relava, as vezes botava dentro da massa, dentro da goma e fazia o beiju.

Osvaldo: E o coco de indaiá vocês buscavam aonde?

Arisvaldo: Aqui. O coco indaiá ainda tem.

Osvaldo: Ainda tem? Tem coco indaiá aonde?

Arisvaldo: Aqui tudo aí na beirada da mata tudo tem.

Osvaldo: Aqui em São Jorge só tinha essa casa aqui ou tem mais gente que tem casa de farinha?

Arisvaldo: Aqui era três casas de farinha: era uma nossa, outra do seu Agenor e a outra ali do outro lado que era do pai do Zezinho. Do pai do Zezinho que tinha a bulandeira.

Fernanda: Que era o pai do José Valentim. Era o pai do pai da Miúda. Desculpa, era o avô da Estela, né?

Arisvaldo: Uhum

Osvaldo: Pois é, o Valentim...o José Valentim.

Arisvaldo: Era o pai do José Valentim.

Osvaldo: Tinha o José Valentim filho e o José Valentim pai.

Fernanda: O José Valentim pai que era o dono da bulandeira, herdou do avô dele, que era tio do avô da Estela.

Osvaldo: O José Valentim que era o avô da Estela ele tinha uma casa de farinha. E a casa de farinha dele era aonde?

Arisvaldo: Do outro lado do terreno.

Osvaldo: Ali o terreno ainda é dele?

Arisvaldo: Não, não. Foi vendido.

Osvaldo: Está na mão de quem?

Arisvaldo: Hoje tá na mão de Evaldo Permajane.

Osvaldo: Permanhane?

Arisvaldo: É.

Osvaldo: O cara do MPC.

Arisvaldo: As casas de farinha que tem aqui só tem duas, uma do seu Agenor e outra do seu Hevá.

Osvaldo: O seu Agenor mora aqui dentro?

Arisvaldo: Mora. Mora ali.

Osvaldo: Ele tem casa ainda?

Arisvaldo: A dele

Fernanda: Tem até uma irmã que mora ali atrás dele.

Arisvaldo: Dona Minó. Nunca casou, nem nunca namorou ninguém. Ela tem uns sessenta, sessenta (pausa). E seu Hevá que tem uma casa de farinha antiga.

Osvaldo: Então você falou assim que o avô da, o bisavô da Estela já tinha casa de farinha.

Arisvaldo: Já.

Osvaldo: Você sabe como era o nome dele?

Arisvaldo: Do bisavô não

Fernanda: Como era o nome do seu bisavô Estela?

Estela: ah?

Fernanda: Como era o nome do bisavô da senhora?

Estela: Meu bisavô?

Fernanda: O pai do seu avô.

Estela: Era José Valentim. Mas como ele tinha um filho ele botou o mesmo nome.

Osvaldo: Então são três gerações repetindo o nome? José Valentim avô, José Valentim filho e José Valentim Neto.

Estela: Aham. Meu pai era José Valentim Filho.

Arisvaldo: Nós somos uma família de gente daqui até o trevo da Barra.

Osvaldo: É a gente fizemos lá pra cima. Lá no seu Bibi. Sabe onde fica o seu Bibi?

Arisvaldo: Pega o Macuco aí e vai embora, pega o Macuco aqui do outro lado da pista tem o Zé Benedito. Balbina Valentim, mora lá onde tem aquela torre e daqui nós vamos embora quase até o Saionara.

Antônio: Benedito Serafim dali da torre?

Arisvaldo: É. É nosso tio.

Osvaldo: É tio de vocês?

Arisvaldo: É.

Osvaldo: Parente de quem?

Arisvaldo: Ele é casado com a tia de Estela, Balbina Valentim, trata ela de Roxa.

Osvaldo: A Balbina Valentim é irmã de José Valentim?

Arisvaldo: Irmã.

(Pausa)

Estela: Jogava criança e não podia chorar, jogava debaixo do forno. Aí eu não alcancei não.

Arisvaldo: Eu tinha tanto trem guardado do tempo dos escravos, mas depois com esse negocio de mudando, mudando, mudando, cabou tudo. Tinha prato, tinha panela, tinha machucador, tinha chave, a chave pesava um quilo, tinha corrente.

Estela: Só um padre pra poder ir lá onde ela ta. È no tempo desse povo... (inaudível ao fundo)

Arisvaldo: Eu não sei se eu acerto mais, mas eu achei uma sepultura de escravo toda feita na pedra.

Osvaldo: Aonde que é?

Arisvaldo: Aqui na Fazenda do Raposão, de Nelson, na beira da mata, tava lá direitinha, toda na pedra, cada pedrão.

Estela: Né Arisvaldo, quando ela fica brava o padre vai?

Arisvaldo: Vai.

Osvaldo: Aonde?

Estela: Num trem aí, numa tal de uma Serra.

Arisvaldo: Aqui pra cima aqui... Fica perto de Nanuque. Ela está acorrentada.

Estela: Tá acorrentada.

Osvaldo: Quem tá acorrentada?

Arisvaldo: Serpente.

Osvaldo: Serpente?

Estela: É.

Fernanda: A serpente acorrentada?

Estela: Tinha uma que eles soltaram, se lembra?

Arisvaldo: Soltou na...soltou em 1990.

Estela: Mas tem.

Osvaldo: A Serra é em que lugar aqui?

Estela: Aqui pra cima. Nesses cantãos aí pra cima.

Arisvaldo: Essa que soltou, essa que soltou aí em cima que soltou, que jogou dentro do rio naquela época da enchente, ela enganchou na ponte. Foi a maior luta pra desengachar.

Osvaldo: Uma serpente?

Arisvaldo: Uhum.

Fernanda: é o bispo que vai acalmar a serpente?

Estela: É, é ele que vai.

Arisvaldo: É só ele. Quando ele resolve despontar. Tem todo o concreto, concreto bem armado, poca. Aí tem que ir lá reformar.

Fernanda: De onde vez a serpente?

Arisvaldo: É nós mesmo ser humano, que faz muita malvadeza. Naquele tempo se uma criança chorasse, se uma criança chorasse se você tava torrando farinha, você que era branco ia lá panhava aquela criança e jogava dentro do forno.

Estela: E a mãe não fazia...

Arisvaldo: E a mãe mais o pai não podia falar nada. Porque tinha que torrar farinha ou fazer qualquer coisa apanhando de chicote. Se você tinha uma mulher você não dormia com a mulher, a mulher sua era de outro.

Osvaldo: Era do senhor?

Arisvaldo: Era.

Estela: Diz que era.

Arisvaldo: Então esse pessoal foi virando bicho. O pessoal que fazia malvadeza. Na hora que mandava, você vai lá panha esse menino e joga lá debaixo. Não tinha outro jeito. Quantos, quantos, quantos, ficavam cegos? Eles tirava o olho.

Osvaldo: Retirava os olhos das crianças?

Arisvaldo: Das crianças, dos adultos.

Antônio: As serpentes então é dessa época que faziam as maldades?

Estela: É. Viraram bichos.

Arisvaldo: É. Do cativoiro.

Fernanda: Faziam maldades e viravam bichos.

Estela: Tem o dragão aí

Arisvaldo: Esse aqui tá no mar.

Fernanda: Tem o dragão de São Jorge?

Osvaldo: São Jorge mata o dragão com a espada

Arisvaldo: Pois é, daquele mesmo que você está vendo ali foi que um foi solto e o outro tá lá acorrentado.

Fernanda: Igual ao dragão de São Jorge então?

Arisvaldo: Mesma coisa. Soltou um desses aí naquela enchente que teve aí, deu trabalho passar na ponte

Osvaldo: Na época da enchente?

Arisvaldo: Na época da enchente, soltou pro mar.

Osvaldo: Mas a história é muito interessante. Quem contava ela?

Arisvaldo: Quem contava?

Osvaldo: É. Dos dragões aí, da mulher que matavam as crianças, quem contava?

Arisvaldo: Quem contava pra nós é nosso bisavô.

Osvaldo: Quem era ele?

Arisvaldo: Tem um que era o José Valentim, o outro José Valentim.

Osvaldo: Eles que contavam essa história?

Arisvaldo: Contava sim, entendeu? Porque ele já alcançou só o final dos escravidão, mas ele já alcançou. Porque de primeira aqui, essas terras que você tá vendo aqui tudo era dos escravos, mas foi chegando o pessoal branco e foi tomando os escravos e botando escravos pra trabaia. Batendo, fazendo esse tipo de coisa.

Osvaldo: Sim. Eles contavam isso aí falou assim que tá lá pra cima pro lado da serra, da cabeceira do rio, o dragão tá enterrado pra lá.

Arisvaldo: Ele tá encorrentado lá.

Osvaldo: Ah...tá acorrentado?

Arisvaldo: Tá encorrentado na pilastra de concreto bem armado, entendeu?

Osvaldo: Bem-armado....

Arisvaldo: Se você for na Diocese, a diocese leva vocês lá.

Osvaldo: Leva a gente lá. Isso é interessante. Você sabe quem eram os fazendeiros dessa época?

Arisvaldo: Era tudo quanto era branco.

Osvaldo: Tudo era branco?

Arisvaldo: Era.

Osvaldo: Eles estão então lá pra cima, pro lá na serra, pra aquele lado de lá, onde tem casa grande lá pra cima.

Arisvaldo: Eles estão na cabeceira do rio.

Osvaldo: Cabeceira do rio. Acorrentados lá?

Arisvaldo: Acorrentados.

Osvaldo: São Jorge ele está aqui para matar o dragão.

Arisvaldo: Exatamente. Nessa época, o São Jorge era um ser humano que nem nós. Aí ele foi capiar o gado. Aí quando ele foi capiar o gado, ele tocou com a serpente na beira do mar. Quando ele jogou o cavalo em cima, entendeu, aí ele não sabia que a serpente era a mãe dele. Aí ele não matou a serpente. Aí ficou, o pessoal ficou todo assim. Foi ruim o povo foi virando serpente, virando bicho, que nem foi solta uma a outra foi acorrentada.

Osvaldo: Sim. Será que essa serpente ela não mudou não.

Arisvaldo: Mudou nada. Da onde ela tá não sai não.

Osvaldo: Será que a serpente não chama eucalipto?

Arisvaldo: Chama não. A serpente chamar eucalipto tá aí com nós dia a dia (risos).

Osvaldo: Mas é interessante essa história que vocês estão contando aí. Acho que vale a pena vocês continuarem contando ela pros filhos de vocês

Arisvaldo: Ah...nóis conta. Passa de noite, senta na mesa vai contando...

Osvaldo: Vai contando as histórias, né? Porque isso aí é que vai alimentar o desejo do futuro dele de serem livres, entendeu? Mas eu acho que vocês levaram um golpe nesse

negócio de fazer carvão. Vocês abandonaram a casa de farinha foram fazer carvão, agora não tem nem carvão e o forno tá caindo.

Arisvaldo: Nem casa de farinha.

Osvaldo: Então o Ariosvaldo está mostrando aqui pra gente o fim da casa de farinha e agora o fim do forno. Agora não tem nem a casa de farinha nem o forno mais. È onde eles passaram depois a tirar a sobrevivência, mas também fizeram dívidas. E quem tem casa de farinha pra lá?

Arisvaldo: Seu Agenor e seu Hervá.

Osvaldo: O Seu Hervá é longe?

(pausa)

Osvaldo: Esse aqui tá cheio. Mas ele está queimando lá dentro? Já foi queimado já. Aí vocês deixam ele cheio aí pra...

Arisvaldo: Pra tirar.

Osvaldo: Quanto tempo está fechado aí? Quatro dias? Aí quando o cara vier comprar, eles mesmos abrem, não faz mal isso não, isso aí?

Ariosvaldo: Fazer faz.

Osvaldo: Aí vocês rancam as raízes do...

Ariosvado: Essa matéria aqui já não pertence a Aracruz s não. Essa aí pertence a Galvão.

Osvaldo: Veio de onde?

Ariosvaldo: Ela arrancou a ????. Rancou e veio aqui adoar pra gente.

Osvaldo: Ah tá, ela que trouxe.

Darcy: Botou fogo agora, quando der lá pra três, quatro horas da manhã, devo ta cortando o facho.

Osvaldo: O fogo já vai ta lá embaixo. Como que é o nome do senhor?

Darcy: Darcy.

Osvaldo: Um forno desse aí cheio de carvão ele dá quantos metros?

Darcy: Rapaz, ele dá um metro

Osvaldo: Um metro?

Arisvaldo: Quando é de madeira pura ele dá um metro pra lá.

Osvaldo: Vocês vendem por sessenta reais.

Darcy: Até quarenta nós já vendemos.

Osvaldo: Até quarenta.

Arisvaldo: Uhum. Foi mês passado...até trinta e cinco.

Osvaldo: Até trinta e cinco reais? Você gasta quanto tempo pra fazer um forno de carvão desse. De serviço assim.

Ariosvaldo: Uma semana.

Osvaldo: Uma semana de trabalho?

Ariosvaldo: Você encheu ele hoje, hoje é quarta, né?...quinta...quinta-feira ele já tá pronto.

Darcy: Não ele tá falando do feitio do forno.

Osvaldo: Não, é claro vocês vão ter o trabalho de fazer o forno. Mas o carvão, se for encher ele de carvão, gasta quanto tempo? Indo buscar madeira, senhor buscou madeira, encheu o forno de carvão.

Ariosvaldo: Depois que a madeira tá aqui, ele tá cheio e agora tá queimando, ele vai queimar hoje o dia, a noite, amanhã ele tá parado. Depois que ele tiver parado aí ele vai sair lá pra segunda-feira.

Osvaldo: Então, mas o trabalho assim, de trabalho pra buscar lenha. Quando vocês vão buscar lenha vocês conseguem fazer quantos metros de carvão, quando vocês buscam diária de lenha?

Ariosvaldo: Quando nós vamos panhar lenha aí o frete fica conforme a distância fica por duzentos reais.

Osvaldo: Quantos homens vão trabalhar?

Ariosvaldo: Vai trabalhar apenas quatro homens.

Osvaldo: Quatro homens.

Ariosvaldo: Aí você paga cada um a vinte e cinco, dá mais cem. Fica trezentos com o caminhão junto. O caminhão sai cinquenta metros de madeira, dá três fornos e meio.

Osvaldo: Três fornos e meio?

Ariosvaldo: É. Dá quinze, dá dezoito metros de calvão.

Osvaldo: Dezoito metros de carvão. Você já gastou trezentos, fica vendendo aí até...na faixa...

Ariosvaldo: Hoje ele tá oitenta, aí vamos supor dez vezes oito.

Osvaldo: Oitocentos.

Ariosvaldo: Oitocentos. Mais quatrocentos dá mil e duzentos reais.

Darcy: Tem os oitenta reais do cara que fica tomando conta aí.

Osvaldo: Ah...o cara tem que ficar aí tomando conta, né?

Osvaldo: Então vamos fazer as contas aqui pra ver se tá valendo a pena. Vamos supor você gastou trezentos reais entre o caminhão mais os caras que foram te ajudar.

Ariosvaldo: Aí eu fiz mil e trezentos conto, pago trezentos e fico com mil.

Osvaldo: Pera aí eu não entendi ainda não. Você foi lá e buscou o caminhão, um caminhão lotado que dá quinze metros de carvão, você falou.

Ariosvaldo: Quinze a dezoito metros

Osvaldo: Entre quinze e dezoito. Vamos somar por quinze metros que é o mais seguro, não é isso?

Ariosvaldo: Exatamente. Dá mil e duzentos reais.

Osvaldo: A oitenta reais?

Ariosvaldo: É.

Osvaldo: Dá mil e duzentos reais realmente. Mil e duzentos. Você gastou trezentos.

Ariosvaldo: Sobra novecentos.

Osvaldo: É. Sobra novecentos. Mas isso foi quantos dias de trabalho de cada?

Ariosvaldo: Isso aí foi no mínimo...

Osvaldo: Fora isso que você gastou.

Ariosvaldo: Exatamente. Mais cem...uma faixa de...tem aí mais cento e cinqüenta conto que é do carro que a gente vai daqui pra lá, que é o combustível, a gasolina. Tem mais aí uma semana de um cara só que é o dono da madeira que tá lá tirando. No final da conta, se sobrar, sobra quatrocentos contos.

Osvaldo: Sobra quatrocentos mas assim....

Arisvaldo: Livre.

Osvaldo: Livre não porque você trabalhou nele.

Arisvaldo: Exatamente.

Osvaldo: O seu trabalho...Mas você.

Arisvaldo: A maioria de nós que mexe com isso trabaia é de graça

Osvaldo: Trabalha de graça.

Arisvaldo: Porque o trabalho não sobra nada

Osvaldo: É por isso que você falou que tava gerando dívidas.

Arisvaldo: É isso mesmo. Tá aqui que é testemunha, que é mais velho do que eu, só que eu sou o mais velho casado.

Osvaldo: Ele é seu irmão?

Arisvaldo: É meu concunhado.

Osvaldo: Ah...seu concunhado.

Arisvaldo: Quando nós começamos aqui foi com doze fornos, foi não?

Darcy: Jorge trouxe três mil reais pra nós fazer forno.

Arisvaldo: E antes de fazer qualquer coisa. Aí passado, nós já tinha doze caminhão de madeira batido. Doze caminhão. Se não tivesse esse doze caminhão ele não ia dar assim três mil conto. A gaiola de calvão ficava por quatro mil e quinhentos contos., na época. Nós era em onze. Moto-serra, Kombi, trator. Trator era dele, moto-serra era nossa. Esse trator ele deu quinze dias pra nós de graça, depois de quinze dias nós pagava e ainda fica pagando esse trator até hoje, nós tamo com outro, mil contos por mês, trabaiaando pra nós, mil contos por mês. O caminhão, o frete do caminhão era dividido, nós e dele. Mas todo mês, todo mês ele levava uma gaiola de calvão sem nós ver um conto. E o cara que cunzinhava o calvão recebia quatocentos contos por gaiola, quem pagava era nós. O dele, uma gaiola de calvão era livre, livre, livre, livre. A outra gaiola de calvão que nós tirava,

porque dia de domingo saía duas, era dividido por nós homens, saía na faixa de cento e cinqüenta, duzentos contos pra cada um.

Osvaldo: Então é a escravidão. É um novo tipo de escravidão.

Arisvaldo: Quando nós chegemos a abrir os óios, que nós fomos lá dar um balanço na conta, a gente devia doze mil reais. Meninos vamos rachar fora disso. Aí nós fomos lá compramos a Kombi por sete mil. Aí falei pros meninos, pra nós ter alguma coisinha, nós vamos ter que escolher um lado que vai ser ruim pra eles, vai ser bom pra nós, vamos vender essa madeira pra **Bolinha**? Bora. Aí começemos atravessar madeira pra **Bolinha**. Ele começou a ficar com raiva. Nós começemos atravessar. Aí dava dinheiro. Dava dinheiro que cada um pegava por semana, quinze dias seu mil contos. Aí ele vem aqui. Veio aqui, mininos cumo é que ta esse negócio. Tem que queimar mesmo entendeu? Esse trém ta parado, ce não tão atravessando a madeira. Não Jorge, nós tamos com débito com você. Vamos ver o que é que faz. Zé Carlos conversou comigo, conversou com o Zé Carlos, Zé Carlos passou a kombi pra ele, pagou a kombi. Aí o que acontece, fiquemos sem trator, sem o carro, só temos o motor. Eu comprei um fusca, Zé comprou... qual foi o carro que ele comprou primeiro? Uma Belina, seu Zé tinha uma parati. Quer dizer, três carros que conduzia esse pessoal todinho.

Osvaldo: Pra ir trabalhar?

Arisvaldo: Pra ir trabalhar. Os meninos andavam demais com o carro, entendeu, quando eu fui ver, bateram o motor. Entendeu, peguei o carro troquei na loja e panhei o resto do dinheiro, se quiser bateu o motor, se quiser vender, vendeu por quinhentos contos. (MUITO BAIXO) Foi lá comprou aquele carro que ta ali, meu genro comprou aquele outro ali (MUITO BAIXO).

A Aracruz viu que não tinha jeito pra nós que ela tentou negociar essa terra com a outra empresa. Só que a outra empresa tinha o escoramento dentro da Aracruz, ela pegava o produto da Aracruz, entendeu, e passava para os Estados Unidos. Mas ela fez bem feito, ela apostou no dólar. Se o dólar baixasse quem ganhava era a Aracruz, se o dólar subisse quem perdia era a Aracruz e ela foi lá na outra firma e fez o mesmo. O dólar subiu a Aracruz perdeu a outra firma vai e ganha. E a outra que tava do outro lado fechou a Aracruz, não compra mais material da Aracruz **e a outra aqui fica um conto também**. Cerilose acabou, não tem mais. A madeira tá aí sem poder tirar. Por isso ela que ela ta dando um talhão desse de eucalipto aí pra nós.

Osvaldo: A Aracruz?

Arisvaldo: Uhum. Vai lá pra ce ver o talhão de eucalipto que nós tamos. Tamos aí com o serviço aí.

Osvaldo: Eles deram pra vocês derrubar?

Arisvaldo: Uhum.

Osvaldo: Porque ela não ta conseguindo vender?

Arisvaldo: Não tá conseguindo vender. Tá mandando embora o pessoal tudo, eles não tem dinheiro pra pagar, a dívida tá muito alta.

Osvaldo: O talhão de vocês, que ela deu pra vocês é aonde?

Arisvaldo: Não é longe não, é perto.

Osvaldo: Foi aquela que pegou fogo?

Arisvaldo: Pra lá daquele que pegou fogo. Nós não tamos tirando madeira seca.

Osvaldo: Tirando madeira verde?

Arisvaldo: Em cima do projeto do mapa.

Osvaldo: Ah... onde é o mapa da terra de vocês?

Arisvaldo: Diz ela que é dela, mas por enquanto eu tô sabendo que é nossa, porque é dos quilombolas.

Osvaldo: É isso mesmo. Até onde é o mapa dos quilombolas. E esse trator lá é de quem?

Arisvaldo: Esse trator lá é de um outro genro meu.

Osvaldo: Ah...do seu genro. É de vocês então.

Arisvaldo: Não é não. É de um outro genro meu que já é largado. Aquele é do tempo antigo aquele trator. **Aquele era o moto-cana, saía muita fumaça.**

Osvaldo: O movimento quilombola aqui com vocês, quem vem conversar com vocês?

Arisvaldo: Vem a...vem a secretária de Lula...e vinha a outra que é a Jô.

Osvaldo: A Jô Brandão.

Arisvaldo: Uhum.

Osvaldo: A Jô Brandão então já esteve aqui.

Arisvaldo: Ela não larga nós não.

Osvaldo: Ela vem direto aqui.

Arisvaldo: Opa, se nós precisar dela amanhã é só ligar que hoje ela tá chegando.

Osvaldo: Que bom, né?

Arisvaldo: Nós participemos a reunião lá em Conceição da Barra, três dias, nós saímos aqui da sexta, voltemos no domingo as seis horas.

Osvaldo: Ah, foi aquele movimento do facho que teve lá, oficina de facho. Essa?

Arisvaldo: Não. Oficina do facho nós fizemos lá onde era a prefeitura. Esse nós fizemos lá na Bugia.

Osvaldo: Ah, foi esses dias agora.

Arisvaldo: Foi esses dias agora. Se tiver muito tem o que, tem uns seis dias. O próximo agora não sei se é dia quinze ou dia quatorze de fevereiro que nós vamos ter reunião lá em Brasília.

Osvaldo: Ah vocês vão pra Brasília. E o Sandro?

Arisvaldo: Sandrão não larga nós não.

Osvaldo: Sandrão é gente boa, é meu amigo.

Arisvaldo: Em todo quanto é lugar que nós tamos, eles tamo também.

Osvaldo: Sandrão foi quem foi o relatório de vocês até que esses homens aí odeiam ele, cara.

Arisvaldo: Ave Maria, odeiam mesmo. Ele, Chapoca e eu não pode estar no meio desse pessoal não. Já prometeram tirar nossa cabeça fora.

Osvaldo: Já?

Arisvaldo: Já.

(Pausa)

Arisvaldo: Porque eu sempre dou entrevista, sempre dou entrevista.

Osvaldo: Mas você é bom, você fala mesmo.

Arisvaldo: Chapoca, Chapoca, sempre que eu boto ele na frente, ele é mais posudo, né? Aí quando é uma coisa ele passa pra mim que eu passo pros outros. Ele cutuca de um canto que eu cutuco do outro.

Osvaldo: É ontem nós fomos lá e entrevistamos ele lá na casa dele.

Arisvaldo: Nós já sabe onde é que tem uma terra divoluta, entendeu, que tem mais ou menos uns dez alqueires.

Osvaldo: Não cara, é mil e quinhentos alqueires, o de Linharinho.

Arisvaldo: Eu sei. Não, mas eu falo onde fica uma área boa que ele não prantou. Aí nós já vão reunir o pessoal ir pra Brasília reunir o pessoal pra poder entregar aquela terra lá pra duas pessoas.

Osvaldo: Não. Sabe o que vocês têm que fazer cara? Tem que fazer um movimento assim oh: descobrir um pedaço de terra devoluta que ela derrubou eucalipto aí vocês fazem um mutirão enche de mandioca, enche de mandioca e deixa ali fazendo vigilância até a mandioca crescer.

Arisvaldo: Nós fizemos um relatório assim pra Lula, entendeu, nós demos pro Jô, entendeu, que nós precisamos do exército aqui. E nós vamos fazer que nem mariposa, atacar tudo de uma vez. Tá em pé, tá em pé, nós vamos derrubar e no meio ali nós vamos plantar o que nós temos que plantar.

Osvaldo: Sim.

Arisvaldo: Mas nós precisamos de exército. Aí você vai ver madeira cair pra tudo quanto é canto. Porque lá você viu o que nós fizemos lá, onde era a área do cemitério?

Osvaldo: No cemitério de Linharinho. Ah, você tava no movimento lá?

Arisvaldo: ??? nem a polícia ia.

Osvaldo: Tem que fazer um outro movimento daquele, cara.

Arisvaldo: Agora movimento grande nós fizemos aquele lá na empresa. Paremos as máquinas, entendeu, paremos carretas, paremos tudo. Escritório não entrava e nem saía, entendeu. Botemos fogo em tudo que tinha direito, eucalipto, ??? de madeira, em tudo. Mandemos arrancar as máquinas de dentro, botemos pra fora. Aí ela ficou ???. O que ocê via naquele mundo aqui era fogo. Aí ela endoidou.

Osvaldo: Ficou doida?

Arisvaldo: Doida. Mandou chamar nós na hora. Aí descemos todo mundo pra Conceição da Barra. Manel assinou, Lula assinou, menino... Ferraço assinou, entendeu, Paulo Hartung assinou. Nós ficamos com ela com contrato batido e assinado. Ela pegou as máquinas levou pra Aracruz pra fazer serviço lá e nós tamos parado. Por causa disso que ela tá dando esses talhões aí pra nós.

Osvaldo: Tá olha só.

Arisvaldo: E agora, como é que ela vende? A empresa que ia comprar, ia mesmo. Acertar a dívida e pagava. Mas quando ela ouviu falar dos quilombolas, cabou, não tem mais negócio.

Osvaldo: Não tem mais negócio.

Arisvaldo: Isso aqui ou hoje ou amanhã, mas vai ser nosso.

Osvaldo: Vai...tem que continuar a luta. Tem que continuar a luta firme.

Arisvaldo: Se me matar nós fica pros filhos. Eu tenho fita, minha lá com o Chapoca ou com o Fifi, pega a fita lá pra você ver como que tá o projeto. Mas é eu. O Chapoca eu não sei porque que milagre daqui a pouco ele não tá aí.

Osvaldo: Eu conheço o Chapoca há muito tempo. A minha primeira pesquisa aqui no norte.

Arisvaldo: Ah...mas eu era criança eu mais Chapoca. Eu, Chapoca, Pedrão, a mãe dele que morreu há pouco anos, Dona???

Osvaldo: Ah, a mãe de Chapoca morreu?

Arisvaldo: Nós era criança rapaz, criado tudo junto.

Osvaldo: Pensei que tivesse viva ainda.

Arisvaldo: Não tá morta.

Osvaldo: Então a outra casa de farinha que tem aqui é de quem ali?

Arisvaldo: Seu Agenor e seu Hervácio.

Osvaldo: Agenor é Agenor de que?

Arisvaldo: Silvares

Osvaldo: Silvares. E a outra casa do seu Hervá. Hervácio de Oliveira, não é isso?

Arisvaldo: É.

Osvaldo: Ele é irmão do seu Renan, nós conhecemos o seu Renan.

Arisvaldo: Tem a outra também, esqueci da outra, do irmão de Zezinho, Zizo, Zizo Valentim. Tá na hora de cair também. Nessa linha aqui tem as duas.

Osvaldo: E lá o Tilico? Você sabe quem é o Tilico?

Arisvaldo: Tilico é aqui em cima.

Osvaldo: Lá ele tem casa de farinha também?

Arisvaldo: Não.

Osvaldo: Eles só mexem com artesanato.

Arisvaldo: Só. Com vassoura, peneira, essas coisas.

Osvaldo: D. Siloca não tem casa de farinha não?

Arisvaldo: Não. Tem a lavorinha dela de mandioca.

Osvaldo: Então são essas três aqui que tão de pé e a sua ali que tá caindo.

Arisvaldo: Tá caindo...tá caída.

Osvaldo: Caída. Seu nome...

Arisvaldo: Arisvaldo.

Osvaldo: Arisvaldo de Jesus e Estela

Arisvaldo: Estela Valentim de Jesus.

Osvaldo: Tem que recuperar as casas de farinha.

Arisvaldo: A outra de Zizo também tá caindo. Já caiu metade, falta cair o resto.

Osvaldo: Vocês poderiam sabe fazer o que? Eu sugeri isso lá em São Domingos. Fazer uma casa de farinha grande, com vários fornos, entendeu? Porque aí vocês botam o motor pra tocar enquanto um faz farinha outro faz beiju.

Arisvaldo: Você vê a casa de Linharinho, lá você não mexe em nada. Ali é tudo a energia. Você jogou a massa pra lá daqui a pouco ela tá pronta. **Tem aqueles dois ????** Encheu aqui, virou aqui, pertou o botão, cabou de encher o outro aqui, virou aqui, tirou esse daqui já jogou aqui, é direto. Tem aquele **comedor** grandão que tem aquele negócio de **relar** massa cê só tem que usar o abafador por causa de que é muito forte. **???**, é só ir jogando ali que o pau tá quebrando. Eu fazia cento e vinte sacos de farinha por noite.

Osvaldo: Porque esse local aberto de vocês, esse local aberto quantos o senhor falou que tinha aqui de terra? Quantos alqueires?

Arisvaldo: Aqui tem muito porque veja bem isso aqui pega daqui desse eucalipto aqui no outro eucalipto de lá.

Osvaldo: São dois alqueires será?

Arisvaldo: **Dá cinco**. Quando eu falo pra você esse ali do lado de lá ele que morava lá, aquilo lá era roça de mandioca. Isso aqui que você está vendo aqui era a roça de mandioca.

Isso aqui que você tá vendo no fundo pro lado do forno era a roça de mandioca. Isso aqui que você tá vendo aqui era roça de mandioca. Do outro lado de lá era roça de mandioca.

Oswaldo: Agora pra ter uma roça boa de mandioca aqui tem que arar a terra?

Arisvaldo: Arar, depois outro dia gradear aí tem que ir lá pro lado do Pinheiro ou Montanha ou então Pedro Canário pra dentro pra caçar mandiba pra plantar.

Oswaldo: Não rapaz, mas hoje nós fomos lá no Córrego do Sertão, mas tem muita roça de mandioca lá. Você sabe onde fica o Córrego do Sertão?

Arisvaldo: Porque cada mandiba daquela você tem duas tira uma.

Oswaldo: Então, mas tem muita, tem muita roça de mandioca.

Arisvaldo: Um caminhão de mandiba dá pra plantar isso aqui tudo.

Oswaldo: Oh eles tem nove famílias lá, eles tem seis casas de farinha lá no Córrego do Sertão. É ali perto do Braço do Rio. Outro também que tem muita mandiba é o pessoal aqui de Divino Espírito Santo.

Arisvaldo: Lá é ligado com daqui.

Oswaldo: É ligado com vocês?

Arisvaldo: É. A comunidade lá é ligada com a daqui.

Oswaldo: Então, lá também tem muita, eles fazem farinha direto.

Arisvaldo: Quando vai, quando chega cesta básica lá eles já liga pra aqui. Aí nós já vamos pra distribuir.

Oswaldo: Vamos ver a casa de farinha do outro ali. Ah, deixa eu pegar o nome dele aqui, do carvão. Eu quero colocar os nomes de quem são os donos do forno de carvão.

Darcy: Ele não é meu não.

Oswaldo: Ah, ele não é seu não. E seu nome como que é?

Darcy: Darcy Pereira dos Santos.

Oswaldo: Ele é o que seu? É o que seu, você falou....

Arisvaldo: Meu cunhado.

Oswaldo: Ele é casado com a irmã da Estela?

Arisvaldo: Da Estela.

Osvaldo: Como é o nome da sua esposa?

Darcy: Aridéia Valentim Santos

Osvaldo: Hein Darcy, o senhor lembra quando você nasceu? Sua data de nascimento?

Darcy: Dia trinta de maio de 1950.

Osvaldo: Cinquenta e oito anos.

CONVERSA SOBRE APOSENTADORIA

Osvaldo: A outra casa de farinha é aonde?

Arisvaldo: Ah...é lá naquele eucalipto lá.

Osvaldo: Ah...no canto dos eucaliptos.

Arisvaldo: E a outras duas nesta linha aqui. Subiu aqui você foi embora, cabou de subir a ladeira, você colheu o plano, lá tem a entrada que entra dentro do eucalipto tem uma poça, você desviou entrou pra dentro do eucalipto, a casa de farinha tá na frente.

Osvaldo: Nós vamos pra lá que amanhã de manhã a gente vai estar por aqui. Nós vamos pra cima porque nós vamos lá em Nova Vista e Dilô Barbosa, visitar as de lá.

Arisvaldo: Chiado.

Osvaldo: É, Chiado. Isso mesmo. Nova Vista, Chiado e Dilô Barbosa. Você estava na reunião sábado? Você é da Comissão Quilombola ou não?

Arisvaldo: Sou.

Osvaldo: Você foi na reunião sábado?

Arisvaldo: Sábado eu não fui porque tava fazendo outra coisa.

Osvaldo: Ah tá. Porque eu pedi pro Chapoca avisar lá que a gente tava fazendo este trabalho.

(pausa)

Arisvaldo: Quem faz isso é eu?

Osvaldo: O forno?

Arisvaldo: É.

(pausa)

Osvaldo: Foram ver o dragão?

Estela: Fomos.

Osvaldo: Fotografaram? Hein Estela sua data de nascimento é quando?

Fernanda: Já peguei.

Osvaldo: Já pegou?

Fernanda: Já.

Osvaldo: Fomos fotografar o forno de carvão ali, contando a história do carvão.

Estela: É, o mais velho do calvão era esse aí, forno velho aí.

Arisvaldo: Primeiro forno que eu fiz na região.

Estela: Foi. Nós que trouxemos esse trém de calvão praqui.

Arisvaldo: Fui eu que lancei esse negócio de calvão. Nessa época eu trabalhava lá na plantar aí chegou o cara e falou assim pra mim, **depois de perder terra**, você sabe que o calvão dá bastante dinheiro? Eu cheguei assim falei: eu vou fazer um forno. Cheguei aqui, arrumei um bocado de pedaço de forno e fiz esse fornão aí.

Estela: Não, você foi trabalhar com o serviço de Maciel primeiro.

Arisvaldo: Fui fazer pra Maciel, Maciel de Aguiar.

Osvaldo: Ele fazia carvão?

Arisvaldo: Fazia. Fazia junto comigo. Aí trabaíamos, trabalhei um bucado de tempo com ele. Aí dividimos o lucro, larguei ele pra lá e voltei. **???**

Osvaldo: Aonde é o terreno dele?

Arisvaldo: O terreno dele é aqui...onde era...

Estela: Jacarandá.

Arisvaldo: Como é o nome do menino que vendeu pra ele? Até que nós moramos na terra dele, junto com ele, trabalhava pra ele, **plantando café...** de Jacarandá pra cá.

Estela: Ali era povo antigo.

Arisvaldo: Não. Aquele que vendeu agora pro Maciel.

Estela: Não sei não.

Osvaldo: Ele comprou mais terra?

Estela: Oh Maciel vendeu ali já?

Arisvaldo: Não, não. Maciel tá com aquela terra ainda. Qual o era o nome daquele cara que vendeu pro Maciel?

Estela: Ah não sei não.

Arisvaldo: Aquele que nós morava lá na terra dele, que dava pato, que dava galinha pra você?

Estela: Sei lá.

Arisvaldo: Que mora lá em São Mateus. Aí vim e fiz esse aqui. Esse aqui meu cunhado chegou com uma menina **tava pra ali**. Aí eu fiz quatrocentos contos neste forno aqui, dei duzentos pra ele fazer o exame na menina. Quando ele voltou dei mais quatrocentos contos pra ele, botou a menina sã. Depois que eu fiz isso aí só foi gente me pedindo. Aí fiz esse aqui, fiz seis pra seu Zé, fiz dois pro outro lado, fiz quatro pra seu Evá, fiz dois pra Toinha.

Osvaldo: A Toinha é quem?

Arisvaldo: A mulher de Cosme. Cosme Ayres Farias.

Osvaldo: Ayres Farias?

Arisvaldo: Aham. Aí já entrou **Paulinho** já veio pra cá. Já veio Linharinho, já veio Paraíso, já veio a Sionara.

Osvaldo: Você também fez eles?

Arisvaldo: Aí foi tudo nascido daqui. Aí começamos tudo de novo. Eu sei que aqui tudo tem mil e quinhentos fornos.

Osvaldo: O Sapê do Norte tem mil e quinhentos fornos?

Arisvaldo: Uhum.

Osvaldo: Você fez quantos desses mil e quinhentos fornos?

Arisvaldo: Ah, perdi até a conta. Cai, manda me buscar e torno a fazer de novo

Osvaldo: E o Maciel tem quantos fornos no terreno dele?

Arisvaldo: Maciel cabou com todos, mais nenhum.

Osvaldo: Tem mais não?

Arisvaldo: Não

Osvaldo: E a terra dele ele planta o que lá?

Arisvaldo: A terra dele é pastaria.

Osvaldo: Pasto.

Arisvaldo: Só pasto.

Osvaldo: Quantos alqueires ele tem, você sabe?

Arisvaldo: Seis alqueires.

Osvaldo: Seis alqueires. Está dentro do território de São Jorge?

Estela: Não.

Arisvaldo: Claro que tá.

Estela: De São Jorge?

Arisvaldo: Claro que tá. Aqui Estela, aqui. Aqui pega da Beira Rio, do Litorâneo, vai até a Santa Maria, de Santa Maria vai até a Sionara.

Estela: Por isso que ele tá bravo então.

Osvaldo: Ele está bravo com Sandro porque o território dele, Sandro incluiu o território dele ???

Arisvaldo: Aqui não tem fazendeiro nenhum que está escapulindo, todos eles ta dentro do território quilombola, ou queira ou que não queira.

Osvaldo: Mas vamos, vamos subir aí. Nós vamos subir depois quando a gente voltar, amanhã, talvez, a gente vai ver a casa do seu Hervá e do outro ali.

Arisvaldo: Nós temos três casas de farinha. Cosme Ayres Farias também.

Osvaldo: Cosme Ayres Farias.

Arisvaldo: Tá caindo também.

Osvaldo: Oh tinha uma outra que você falou que tava caindo também. A do seu Agenor tá inteira.

Arisvaldo: Tá inteira é a única que tá funcionando.

Osvaldo: Hervácio também tá inteira?

Arisvaldo: Mas tá precisando de reforma.

Osvaldo: O Zizo?

Arisvaldo: Tá caindo.

Osvaldo: E a sua que tá caída.

Arisvaldo: Ta caída.

Osvaldo: Acabou.

Arisvaldo: É. Acabou.

Osvaldo: Tem que rearrumar as casas de farinha.

Arisvaldo: Com certeza. E também tem uma coisa. ??? o reforço do batalhão de lá pra cá, você ver quando as terras também tiver nas nossas mãos, não tem porque fazer as casas de farinha.

Osvaldo: Mas acho tem que começar logo. Porque o que tá acontecendo vocês fica sem rendimento

Arisvaldo: Sem rendimento. Rapaz na hora que o cliente fala assim pra mim, você tem vontade de ir embora?

Osvaldo: Uma casa de farinha com beiju em dois dias você tem dinheiro. Você pegou uma goma ali, você foi lá em Linharinho, você foi lá em Linharinho e pegou uma goma, daqui a dois dias você vai ao mercado e vende.

Arisvaldo: Quanto que é uma sacolinha de beiju, daquele cortado em fatia? Um real. Quanto é um beiju daquele de pé de banana? Um e cinquenta. Quanto é um litro de tapioca? Dois reais. Onde você vai?

Osvaldo: Mas o pessoal dos Laudêncios vende mais.

Antônio: Um litro de farinha agora você faz uma sacolinha um pouco maior é dois reais.

Arisvaldo: Quando eu fui lá tava um e cinqüenta.

Antônio: O pessoal tá procurando, o pessoal tá procurando.

Osvaldo: Porque se você consegue ir fazendo e se mantendo, depois você vai arrumando as coisas. Se você faz todo dia, se você consegue fazer lá todo dia uns vinte reais já é alguma coisa.

Arisvaldo: Fazer vinte reais, você faz vinte pacotinhos de beiju daquele tamanho.

Antônio: Isso. Um litro de farinha, o litro que você usa pra fazer beiju de massa, aquela farinha ali daria quantos beijus?

Arisvaldo: Um litro?

Antônio: Aquela mesma quantidade de farinha, daria quantos pacotinhos de beiju?

Arisvaldo: Um litro daria na faixa dez pacotes.

Antônio: Dez vezes mais. Quanto é o litro?

Arisvaldo: Um litro deve sair na faixa de....Você fala de massa pra vender pra fora ou de goma?

Antônio: Não da farinha mesmo.

Arisvaldo: Ah da farinha, da farinha é um e trinta, um real e trinta centavos. Pra você entregar num supermercado ou num armazém ela tá no valor de sessenta e cinco reais o saco.

Osvaldo: É isso mesmo que o pessoal falou pra gente.

Despedidas.